



MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

22 de Março de 2011

Avança ataque à Líbia

Nem bem começaram os ataques da coligação imperialista, apareceram discórdias entre países membros do Conselho de Segurança da ONU. E a Liga Árabe protestou. Os militares estariam extrapolando os termos da resolução 1973. Os bombardeios que causaram mortes de civis foram além do objetivo de defesa da população e representam um risco de interferência na soberania da Líbia. Hipocrisia!

A Resolução 1.973 apenas não admite a invasão da Líbia por terra. Eis por que os americanos lembraram: “A resolução apoiada pelos árabes e o Conselho de Segurança inclui *“todas as medidas necessárias.”* De fato, o presidente dos Estados Unidos alertou que uma zona de exclusão implicava destruir posições militares de Kadafi. Não prometeu que faria a ação militar sem matar civis e até mesmo sem eliminar Kadafi. A morte de civis, nesse caso, é considerada efeito colateral indesejável. O pressuposto de defender civis e não matar mais civis, alegado pelo chefe da Liga Árabe, é descabido em uma intervenção militar. Ninguém desconhecia a avaliação de estrategistas de que uma zona de exclusão limitada ao Leste não evitaria que as forças terrestres do governo avançassem sobre o quartel general do levante em Benghazi.

A coalizão que comanda o mundo – Estados Unidos, Inglaterra e França – não enviaria poderosa máquina de guerra se não fosse para ir às últimas consequências. Já se estima a queima de US\$ 100 milhões nos três dias de ataque. Rapidinho pode-se chegar à casa de US\$ 1 bilhão. Cada míssil Tomahawk custa US\$ 1 milhão.

A indústria da guerra põe as mãos para o céu quando os Estados Unidos se colocam a ocupar países. Grandes negócios têm sido feitos no Iraque e Afeganistão. A mais ampla destruição da estrutura bélica da Líbia será positiva para o futuro. Um novo governo títere usará parte da receita do petróleo para rearmar o País. Kadafi montou sua máquina com armamentos ingleses, franceses, americanos etc. A guerra civil abriu uma oportunidade para reduzi-los a carcaças. Recorramos às contas de reconstrução do Iraque e lá encontraremos bilhões movimentados pela indústria de guerra e por outros negócios tocados pelas multinacionais.

Obama elevou o orçamento de defesa dos Estados Unidos a mais de US\$ 600 bilhões. Cerca um terço do PIB brasileiro. Para quê? Para manter a custosa máquina militar e provocar guerras.

A indústria armamentista cada vez mais mortífera é parte estrutural da economia capitalista e constitutiva da dominação imperialista. Nas condições pacíficas, que são raras em nível mundial, é momento de armar uns contra os outros. Nos momentos de conflitos – sempre haverá algum em alguma parte -, é hora de usá-los. Não é por acaso que, depois da 2ª Guerra e da Guerra da Coreia, foram escassas as situações em que os Estados Unidos não estivessem metidos em uma ação armada.

No alvorecer dos anos 60, a burguesia americana interveio na guerra civil entre o Vietnã do Sul e Vietnã do Norte. Quantas vidas de civis foram arrebatadas pelas forças invasoras? Depois de mergulhar fundo na Guerra da Coreia, a Guerra do Vietnã assentou a política

intervencionista dos Estados Unidos. Não há choque no mundo que lá não estejam as armas do imperialismo ianque.

O que se pode esperar de uma Resolução da ONU que dá cobertura para o vôo da ave imperial? Não faltaram imbecis na esquerda que desdenhassem a disposição dos Estados Unidos em atacar a Líbia. Jogo político, negociações, idas e vindas são inerentes à disposição bélica do capitalismo. Mas o fundamental se encontra na tendência geral alimentada pela crise de superprodução e de desintegração financeira.

A 2ª Guerra arrasou a Europa e o Japão. Em pouco tempo, as forças produtivas destruídas se repuseram em um patamar mais elevado. Quantas crises regionais antecederam a eclosão da grande crise de 2008? Aqui encontramos as raízes do intervencionismo imperialista, das guerras no Iraque e Afeganistão, e, agora, na Líbia.

Não estamos diante de choques isolados. Todos estão interligados pela contradição entre as forças produtivas e as relações de produção. O gigantesco aparato de guerra e todas as relações econômico-comerciais que o cercam espelham o bloqueio das forças produtivas pela camisa de força do capital acumulado. A crise mundial que se arrasta penosamente exige ações das potências no sentido de destruir maciçamente forças produtivas acumuladas sob a forma de capital. As quebras financeiras, industriais e comerciais de 2008 e 2009 tão-somente assinalaram o caminho. As guerras são sua continuidade.

Obama inaugurou seu governo com a bandeira de paz e de desarmamento. Mas não fez outra coisa senão manter as guerras dos Bushs e abrir uma nova na Líbia. E está preparado para uma intervenção no Irã. Não existe nada de paz, de direitos humanos, de defesa da vida de civis e de democracia para os monopólios que encarceram as forças produtivas. Se os monopólios não são transformados em propriedade social, vão à destruição de forças produtivas, seja por meio de quebras econômicas, seja por meios de guerras.

Pode ser que Obama não quisesse que seu governo ficasse marcado prematuramente como intervencionista e tenha resistido um pouco aos Clintons. Mas sua vontade não podia se transformar em decisão final. Os Clintons e senadores republicanos estão de acordo com as forças da barbárie liberadas pela crise mundial e pelas tendências bélicas que dela se alimentam. Os marxistas se guiam pelas leis de funcionamento do capitalismo e por suas manifestações concretas na conjuntura. Os meandros diplomáticos devem ser analisados sob essa determinação e não o contrário.

Nesse exato momento, os ataques da coligação imperialista criaram um alvoroço na “comunidade internacional” (denominação capciosa para o alinhamento da semicolônias às diretrizes do imperialismo). A Liga Árabe presente que a matança de civis sob a autorização da ONU provocará uma reação das massas inquietas com as ditaduras e monarquias. O ódio anticolonialista é profundo entre os explorados. Não se pode transformar a Líbia e o Kadafi em ponta de lança da resistência antiimperialista.

Até o momento, os levantes que concluíram com a deposição dos

ditadores da Tunísia e Egito foram controlados e não se voltaram contra a dominação americana. No Iêmen, o movimento de massa não cede à repressão, apesar dos tanques de guerra nas ruas e mais de 50 mortos. No Bahrein, a monarquia se encontra acossada pelas manifestações populares. E movimentos se fermentam na Arábia Saudita e Jordânia.

O envio de tropas pelo rei saudita para proteger o rei do Bahrein expressa a situação conturbada e revolucionária. Os Estados Unidos precisam atuar em todas essas eclosões a um só tempo. Bahrein ocupa o lugar particular de servir-lhes de base para a 5ª Frota, com a qual os Estados Unidos controlam o Oriente Médio. São fortes as razões para o imperialismo sustentar essas ditaduras e lamentar a mortandade de manifestantes.

A crise na Líbia emana desse vulcão. O fato de o imperialismo intervir por meio de frações burguesas e de setores oposicionistas – o caso mais exemplar é o do Egito –, com a bandeira da democracia, das reformas e da não violência, e conseguir abafar as reivindicações nacionais foi bom para as oligarquias árabes. A Líbia, porém, pode ser o campo de combate onde o imperialismo arranque as máscaras e escancare sua estratégia de dominação na nova situação de crise e na nova etapa de luta de classes mundial.

A Liga Árabe teme o desmascaramento. Também ficaria exposta perante as massas. Não há a menor sombra de humanidade na sua indignação frente às primeiras mortes de civis em Trípoli. As oligarquias, as ditaduras e as monarquias congregadas na Liga Árabe vestiram a máscara do humanitarismo imperialista e temem não poder mais usá-las.

A Rússia e China condenaram a violação da soberania da Líbia. Por que, então, não votaram contra a Resolução da ONU? Bastava a zona de exclusão para se violar a soberania. Temem o fortalecimento da coalizão no Oriente Médio, estendida sobre lençóis de petróleo. A Itália protestou na voz do chanceler Franco Frattini: “Não deveria ocorrer uma guerra na Líbia. Temos de aplicar plenamente a Resolução 1.973”. Ameaçou “repensar o uso de suas bases militares para ataques a alvos líbios”. Por quê? Simples de se entender. A Itália foi colonizadora da Líbia. Tem importante relação econômica e comercial com o País. Mas quem está à frente dos ataques? A França. Os Estados Unidos estão no comando da operação, mas procuram esconder a sua face perante as massas árabes. É bom para a França e Inglaterra encailhados na crise assumirem a intervenção. É bom para os Estados Unidos atolados na crise ficarem por trás da coligação. Qual será o papel da Itália na derrubada de Kadafi e na formação de um governo títere? Como distribuirão o comodato imperialista caso se consiga descartar o ditador? Essas são as reais considerações e não às de soberania, proteção dos civis e outras tantas imundices.

O governo brasileiro sediou a decisão do ataque. Obama, de dentro da Esplanada, em Brasília, ordenou: mande fogo em Kadafi. Muito se falou em simbolismo da visita de Obama ao Brasil. Entretanto, nada de simbólico foram os bombardeios contra o povo líbio. Enganase quem ache que foi apenas contra Kadafi. Dilma ficou caladinha e sorridente. Os comentaristas se desmanchavam em elogios, no mesmo momento em que a Líbia sofria a prepotente agressão. A Sra Presidente – primeira mulher a conduzir o Brasil que recebeu o primeiro negro a conduzir os Estados Unidos – esperou o terceiro dia de bombardeio, quando já havia inúmeros civis mortos, para pedir em uma nota covarde que tem a expectativa de fim dos ataques “o mais breve possível”. Qual foi a bandeira? O estabelecimento de um ambiente de “proteção dos direitos humanos”. Piegue pequeno-burguesa de serventes do imperialismo.

A população e os sublevados de Benghazi que pegaram em armas

vêm a sua salvação na intervenção. Os jornais apresentaram relatos de que muitos ficaram desencantados com o Brasil por se abster no Conselho da ONU e de que muitos elogiaram a França. É compreensível para quem viveu sob a lei de Talião de Kadafi e que está prestes a se deparar com as vingativas armas. O que é distinto da posição de lideranças francamente pró-imperialistas, que contam com a derrubada do ditador pelas forças externas para em seguida formar um novo governo burguês. Trágico destino terá o levante de Benghazi se se submeter às forças invasoras.

Ocorre que a Líbia está dividida. O Oeste continua com Kadafi, com os que o veneram e com os que o odeiam. A revolução iniciada no Leste triunfaria caso as massas em Trípoli a tivessem engrossado. Mas logo que se passaram os primeiros sinais de euforia veio a tormenta – as forças da ordem avançaram na contra-ofensiva, diante de um batalhão de insurretos despreparados. O imperialismo não pôde intervir imediatamente, embora tenha de início exigido a renúncia do ditador. Havia de criar um contexto político montado pelo circo do humanitarismo e da democracia.

A Resolução 1.973 liberou os comandantes da coalizão para o ataque, que já estava montado desde as primeiras horas da eclosão da guerra civil. Entre os disparos de mísseis, um porta-voz do jornalismo franco-burguês fez a magistral pergunta: “qual é o verdadeiro objetivo da coalizão? Quer mudar o regime, depondo Kadafi? Em uma mentira coletiva, a coalizão responde: “Absolutamente não. Equivaleria a intervir nos assuntos de um país soberano. Queremos apenas impedir o massacre de civis e dos insurgentes.” Sabendo que é mentira, o jornalista revela a verdade na voz do ministro do Exterior da França, Alain Juppé: “Deixemos de balela. É evidente que o objetivo é permitir que o povo líbio escolha seu regime (...)” Quanto palavreado em torno de tanta evidência.

O imperialismo havia decidido sobre a sorte de Kadafi assim que Obama decretou sua destituição. A Resolução da ONU era somente uma licença em favor desse decreto. Não serão as massas e as armas da revolução que libertarão a Líbia do déspota, mas sim as armas do imperialismo. A violação da soberania e a conivência do Leste em armas com o intervencionismo indicam que a revolução fracassou. Para que retome seu curso, terá de combater o imperialismo e obrigá-lo a recuar. Essa possibilidade não está colocada. Eis por que mudou a situação da crise líbia.

Qualquer que seja a ação para derrubar Kadafi sob o fogo do imperialismo, é reacionário. Ou ditador é expulso do poder pela revolução, ou é pelo imperialismo contra-revolucionário. Não há meio termo. Não é possível combinar forças revolucionárias com as forças de opressão nacional.

A bandeira que guia a revolução é a de derrotar o imperialismo. Armar as massas contra a violência reacionária da burguesia mundial. Está colocada a constituição de uma frente única antiimperialista. E quanto ao ditador sanguinário? Não há nenhum compromisso dos explorados com seu regime. A não ser exigir que entregue as armas à população, como ameaçou fazê-lo. Uma vitória contra o imperialismo não preservará a ditadura. Com as massas em armas, Kadafi estará enfraquecido.

A revolução sufocada no nascedouro pelas forças de Kadafi e pela intervenção do imperialismo renascerá sob o conteúdo de libertação nacional, um passo fundamental para a revolução democrática e para sua transformação em revolução social, socialista.

Expulsar o imperialismo!

**Potenciar a revolução na Líbia, anti-imperialista e anticapitalista!
Pela retirada imediata das forças de opressão nacional!**

Abaixo a Resolução 1973!